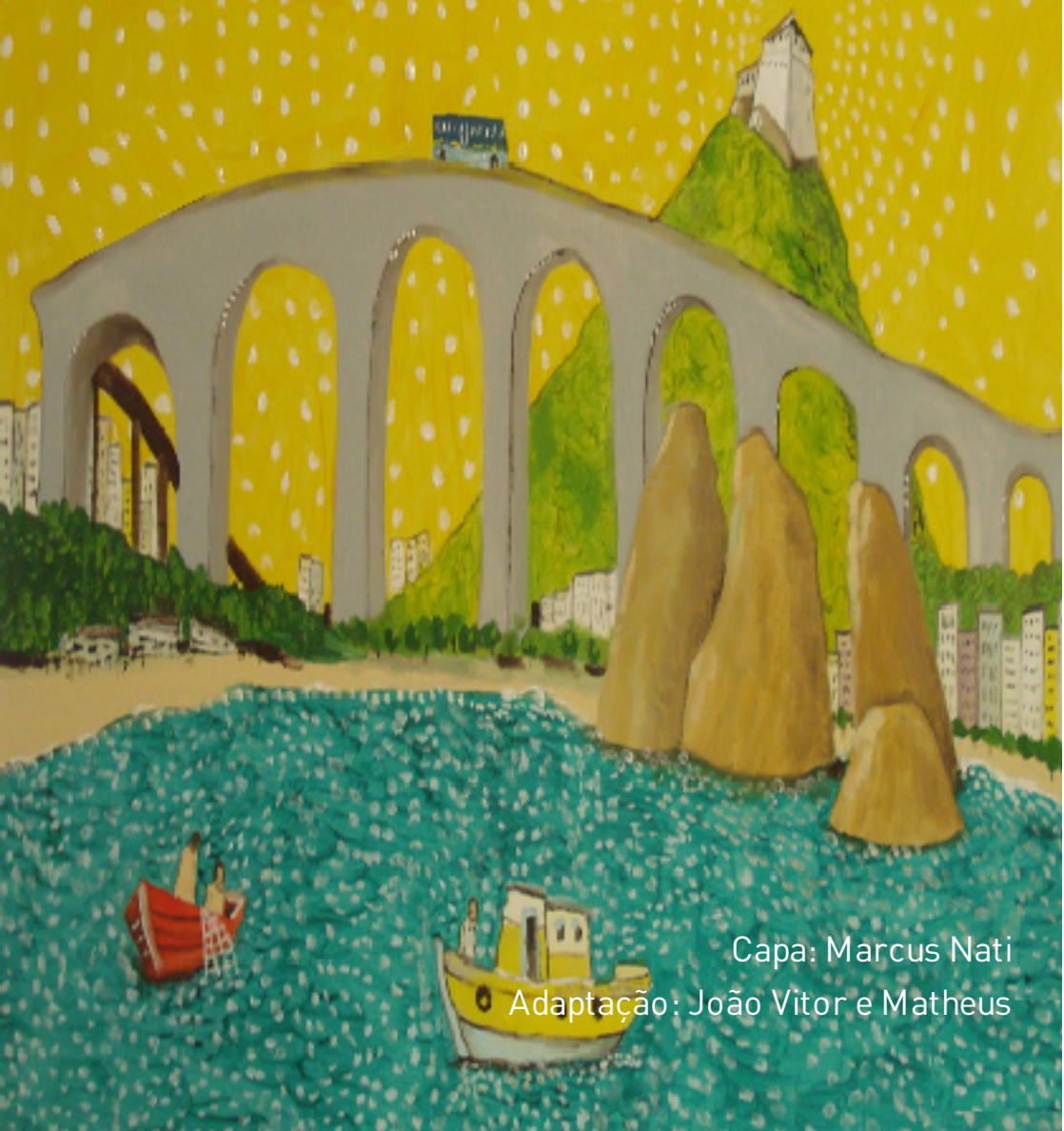


UM ROLÊ PELO ESPÍRITO SANTO



Capa: Marcus Nati

Adaptação: João Vitor e Matheus

Estudantes do 8º Ano do Ensino Fundamental

Um rolê pelo Espírito Santo

Piaçu/Muniz Freire - ES
EEEFM "Arquimimo Mattos"
2017

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
"Arquimimo Mattos"

Projeto: Espírito Santo de canto a canto: escrevendo uma narrativa

Disciplina: Língua Portuguesa

Área: Códigos e Linguagens

Professora: Jéssica Figueiredo Paulucio

Turma envolvida: 8º Ano vespertino/EF

Estudantes do 8º Ano do Ensino Fundamental da
EEEFM "Arquimimo Mattos"

Um rolê pelo Espírito Santo – Piaçu – Muniz
Freire/ES, 2017.

47f.

1. Ficção – Literatura infantojuvenil

Sobre a obra:

O livro "Um rolê pelo Espírito Santo" conta a história de três amigos que se aventuram pelo estado capixaba a fim de conhecerem as riquezas do local. Que tal embarcar nessa viagem? Você é nosso(a) convidado(a)!

Sobre nós:

Somos os alunos do 8º Ano vespertino da EEEFM "Arquimimo Mattos" e este trabalho foi desenvolvido no primeiro semestre de 2017 com o auxílio da professora de Língua Portuguesa Jéssica Figueiredo Paulucio.



Dedicatória

Dedicamos este livro à
nossa maravilhosa
professora Jéssica que
nos incentivou a escrever
nossa primeira obra.

Também dedicamos aos
familiares, aos colegas de
turma, ao estagiário Rafael
e à escola Arquimimo
Mattos.



Piaçu, Muniz Freire/ES

2 9 3 8 0 - 0 0 0

MENSAGEM INICIAL

Caro leitor(a)!

Este livro foi feito com muito carinho e dedicação pela turma do 8º ano vespertino. Esperamos que se encantem pela obra, pois ela é muito importante para nossa escola. Desejamos que suas expectativas se realizem, pois cada momento, cada ideia, cada pensamento e cada sugestão valeram a pena, afinal, tudo valeu a pena! Estamos nos sentindo realizados com este trabalho.

Gratos,

Alunos do 8º Ano EF

SUMÁRIO

1 Em procissão: onde tudo começou!.....	07
2 Como um farol que ilumina.....	13
3 A ponte que não caiu.....	17
4 Escalando sonhos: Pico da Bandeira	20
5 O segredo dos rochedos: cultive o tom azul.....	23
6 Por um amor lite(o)ral.....	26
7 A pedra que tem coração.....	36
8 Um Cachoeiro de emoções.....	39
9 E por fim, a CIDADE AMIZADE.....	43

CAPÍTULO

1

**Em procissão: onde
tudo começou!**

Passagem pelo Convento da Penha/ES

Era uma tarde de outono e o sol alcançava o seu ápice marcando que já estavam próximos do fim das aulas. A temperatura não oscilava muito naqueles dias. De norte a sul do Espírito Santo, a luz solar irradiava um calor agradável aos corações. A verdade é que o estado capixaba é pequeno, mas sua beleza é vasta e chama a atenção dos moradores e visitantes. Os alunos estavam em uma aula de literatura quando a professora entregou a eles uma apostila que falava sobre a história de Rubem Braga, um grande escritor do local. Três amigos de infância se entreolharam: Daniel, menino aventureiro, de olhos verdes e cabelo castanho; Carlos, garoto inteligente, cabelo loiro e olhos castanhos; Laura, menina curiosa, cabelos ruivos, olhos pretos e com sardinhas discretas que a deixavam com aspecto juvenil.



Eles se interessaram em conhecer um pouco mais da história do escritor. Decidiram, então, ir ao Convento da Penha, em Vila Velha. Com a ajuda do pai de Carlos, senhor Ronaldo, conseguiram chegar até o lugar onde queriam. Lá encontraram fiéis que haviam chegado de uma romaria rumo aos festejos marianos. Quanta fé e quanta cultura! Não podiam imaginar as belezas do Espírito Santo e decidiram partir em busca da maior riqueza do estado para verem de perto um pouco mais da história daquela região.

Mas antes Laura, como sempre curiosa, observou a paisagem da redondeza e resolveu se aproximar mais um pouco de uma mata, onde viu uma arara. Quando observou a asa da ave, lembrou de como seu pai a protegia e, com as cores fortes, sentiu saudades dos momentos em que pintava desenhos para sua irmã. Ao avistar o olhar da arara sentiu o carinho de sua mãe e lembrou das frases que ela sempre falava: " Nunca desista de seus sonhos, siga sempre em frente".

Então, olhou para aquele céu azul celeste e agradeceu a Deus pela família que lhe deu e resolveu seguir seu caminho. Já Carlos teve sua atenção toda voltada para a águia. Ela era branca e simbolizava toda a transparência que cativou em sua vida. Nunca foi de guardar mágoas por ninguém. Olhou para seu pai e lhe abraçou, pois o amor entre eles era parecido com o sentimento da águia que ensina o filhote a voar.

Daniel, assumindo seu aspecto aventureiro, subiu em uma árvore e avistou uma família voando de paraquedas. Sentiu o quanto seus pais sempre o apoiavam e o faziam sonhar alto, apesar de às vezes ele não dar atenção a eles como deveria.

Logo depois, eles decidiram fazer um lanche ao ar livre enquanto o senhor Ronaldo, pai de Carlos, contava uma história sobre a chegada de Vasco Fernandes no Espírito Santo, mais precisamente em Vila Velha, onde começou a história deste estado tão belo.

Quando eles estavam voltando para casa resolveram dar uma olhada nas feirinhas que se encontravam na saída do convento. Nunca esquecerem daquele local, mas já estava tarde e precisavam voltar para casa de seus pais e descansarem, pois no dia seguinte iriam se encontrar para continuarem na busca pela maior riqueza do estado.



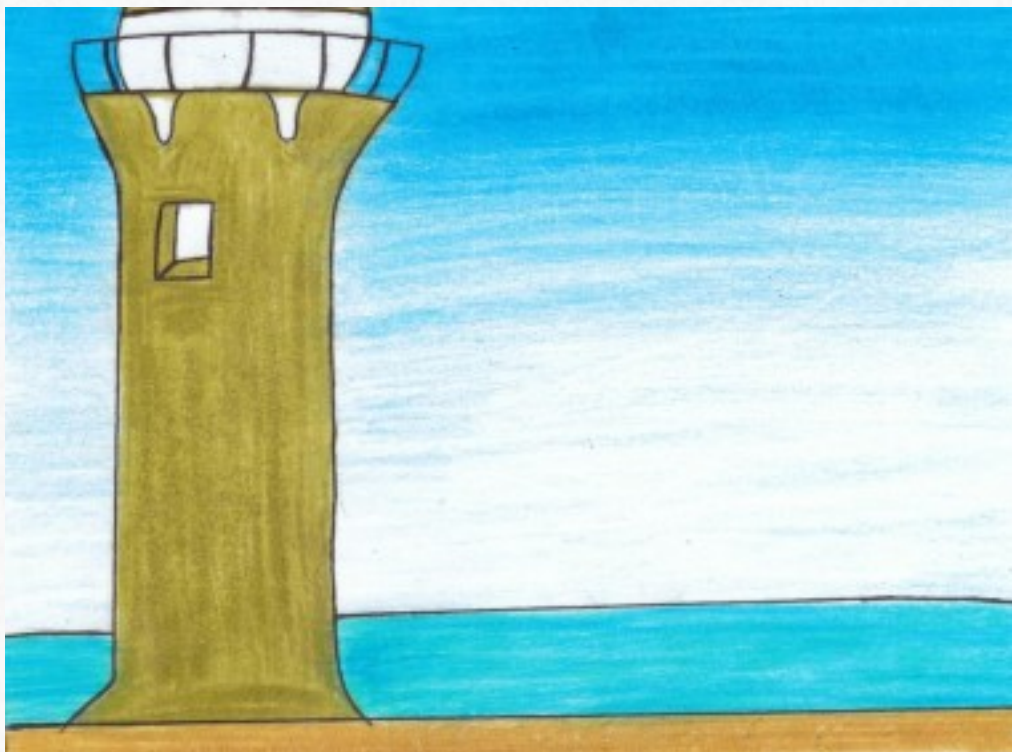
CAPÍTULO

2

**Como um farol que
ilumina**

Passagem pelo Farol de Santa Luzia/ES

Quando raiou a manhã, os três amigos foram tomar café em uma lanchonete próxima das suas casas. Feita a refeição, encontraram novamente Sr. Ronaldo que, de forma gentil, decidiu levá-los para conhecer o Farol de Santa Luzia, em Vila Velha. Ele sabia como os adolescentes eram curiosos, pois também tinha sido assim um dia.



Optou por transportá-los através de um ônibus de turismo que passava pelo bairro. Este vinha com uma excursão de alunos universitários. Embarcaram rapidamente.

Os olhos não davam conta de observar todas as ruas daquela cidade. Havia um professor que contava a história do Farol de Santa Luzia. Suas narrativas eram interessantes, mas ainda assim os três preferiam se concentrar no que viam.

Chegando lá, subiram até a parte mais alta. Lá encontraram um zelador que humildemente contava histórias em meio às vassouradas do pátio central.

Começaram a conversar e ele comentou sobre um caçador de tesouros que passou por ali tempos atrás. Enquanto Daniel e Carlos investigavam a história contada, Laura ligava para Sr. Ronaldo que estava no solo aguardando o retorno dos meninos. Sr. Ronaldo era muito atencioso, mas tinha um medo de altura que nenhum psiquiatra conseguiu ajudar.

Ele também ficou curioso e, embora não tivesse coragem de subir e encontrar os garotos, procurou um livro virtual que contasse sobre a história do monumento. Encontrou uma obra do engenheiro do farol Zozimo Barros que foi escrito em 1871. Foi uma tarde de aventura naquele lugar. O farol parecia iluminar as ideias.

Os garotos decidiram que iriam continuar viajando pelo Espírito Santo. O que restou ao Sr. Ronaldo foi assumir a missão de acompanhá-los como responsável, organizar o trajeto, conversar com os familiares, disponibilizar seu carro particular e partir nas férias de julho junto aos adolescentes pelos lugares históricos do estado. Para isso, era preciso passar pela Terceira Ponte ...

CAPÍTULO

3

A ponte que não caiu

Travessia pela Terceira Ponte-Vitória/ES

Como tudo já estava organizado, era hora de seguir viagem. Estavam na Terceira Ponte, em Vitória, quando o carro estragou e gerou grande engarrafamento.

Era horário de pico e, mesmo em meio aos lamentos dos motoristas, era preciso sair para procurar ajuda. Depois de tanto andar, finalmente encontraram um homem que se comprometeu com a ação. Quando o levaram até o veículo, ele até que consertou, mas levou o carro com ele. Era mais um furto na grande Vitória. Andaram muito e ficaram cansados. Naquele sol escaldante e entre as buzinas ensurdecedoras encontraram dois amigos, Esmeralda e Joaquim, que ajudaram a voltar para suas casas. À noite, nos noticiários, assistiram entristecidos a reportagem desse episódio.

Naquele momento, parecia ter tudo terminado. Não haveria mais como prosseguir na sagaz aventura. Mas Sr. Ronaldo era homem sábio e compassivo a tal ponto que resolveu deixar o roubo

para que a polícia resolvesse. Decidiram seguir a aventura por meio de ônibus. O importante era que, assim como a ponte, os sonhos dos garotos também não caíssem por terra (desistissem, melhor dizendo). Então, resolveram partir.



CAPÍTULO

4

Escalando sonhos: Pico da Bandeira

Escalando o Pico da Bandeira/ES

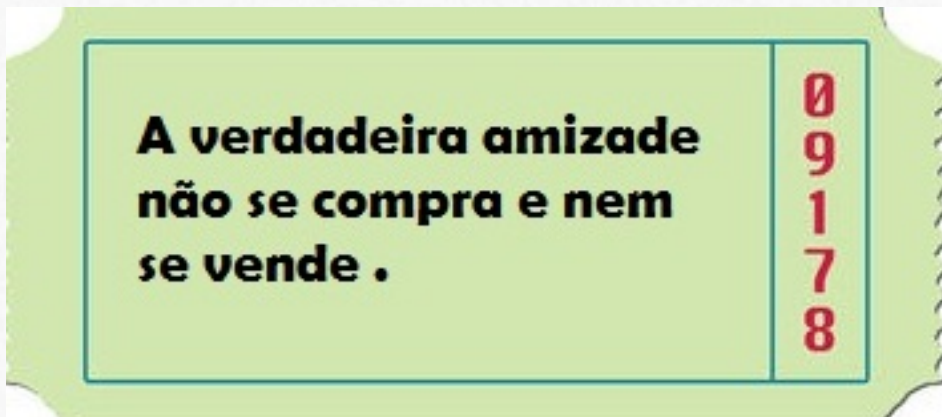
Depois das angústias vividas na Terceira Ponte, o grupo foi se aventurar no famoso Pico da Bandeira. Era um lugar tão frio que parecia o Polo Norte e tão alto que supera a torre de Notre-Dame. Foram pela manhã conhecer esse local que marca a divisa do Espírito Santo com Minas Gerais.

Mesmo estando cedo, não teriam tempo para escalar toda a montanha, por isso resolveram esperar a madrugada seguinte. A temperatura só diminuía, logo o jeito foi acender uma fogueira para aquecer do frio e armar barracas para dormir.

Tinham levado salgadinhos (o que normalmente chamamos de chips) para se alimentarem. Encerrando a noite, fizeram desenhos sobre a amizade. A proposta era levá-los até o Pico da Bandeira como prova do sentimento.

Ainda nem tinha amanhecido quando começaram a subir a montanha. No início da caminhada, já estavam cansados, pois não haviam se acostumado com a temperatura baixa e o caminhar distante.

Resolveram parar, descansar e seguir viagem no próximo dia. Afinal, a trilha não é feita mesmo com apenas um dia. Passada a noite, seguiram na caminhada até o momento em que encontram um bilhete curioso:



Não entenderam no início, resolveram continuar porque já estavam próximos do fim. Continuaram a caminhada em equipe e chegaram a conclusão de que o bilhete estava certo. Ele não queria somente indicar que precisavam chegar ao topo da montanha, e sim a novos lugares, alcançar novos desafios e ter novos planos. Mas o importante era que permanecessem juntos. Custe o que custar!

Capítulo

5

**O segredo dos
rochedos: cultive o
tom azul**

Passando por Pedra Azul-Domingos Martins/ES

A viagem seguiu para aqueles aventureiros. Sr. Ronaldo continuava comandando a excursão. Um pouco cansado, é claro. Mas era preciso aproveitar cada momento, pois as férias estavam acabando. Os quatro seguiram de ônibus até Pedra Azul.



Ali o diálogo foi intenso e o frio tinha ficado um pouco mais razoável se comparado ao passeio dos dias anteriores. Daniel disse aos amigos:

-Chegamos! Vamos, acordem! Estamos chegando!

Era nítido que estavam cansados, mas Daniel insistia. Laura respondeu:

-Estou muito cansada, mas vou.

Daniel sugeriu passarem primeiro pela Rota do Lagarto para explorarem toda a região que estava ao redor da Pedra.

Seguiram viagem na companhia de um jovem chamado Gabriel, guia turístico do lugar. Gabriel contou detalhes da região, histórias da formação do rochedo, da importância da região e do turismo.

Já estavam achando tudo muito lindo, mas ao avistarem a famosa Pedra Azul ficaram ainda mais encantados. Com brilho nos olhos se entreolharam e concluíram que haviam descoberto o segredo dos rochedos: cultivar o amor, a amizade, a esperança e a fraternidade. Cultivar o tom azul!

Capítulo

6

Por um amor lite(o)ral

Navegando pelas praias capixabas/ES

Saindo de Pedra Azul, os três amigos foram em busca de mais informações sobre os litorais do Espírito Santo e decidiram ir para Guarapari, na Praia das Virtudes.

Chegando lá foram buscar ajuda para conhecer melhor o local. Quando desceram do ônibus, avistaram uma mercearia e resolveram pedir informações.



Lá conheceram um senhor de idade que aparentava ter 64 anos e que foi muito simpático. O senhor perguntou:

-Bom dia! Em que posso ajudar?

-Bom dia! Procuramos informações sobre o local.

-Que ótimo, são turistas?- pergunta o senhor.

-Somos sim, viemos fazer uma visita nesta praia tão bonita do ES!- afirmou o Daniel.

-Quanto é este cartão? gostaria de mostrar para minha mãe por onde passamos.



-São R\$ 3,00, meu amigo!-respondeu o senhor.

-Desculpe a pergunta, mas qual o seu nome?- tímida, perguntou Laura.

-Meu nome é Francisco, bela moça!- sorriu simpático.

A barriga de Carlos fez um barulho alto, impossível de não ser notado. Laura assustada e rindo perguntou a Carlos:

-Que isso, Carlos?!

-Eu estou com muita fome.

-Também estou com fome. O senhor poderia nos informar onde fica o restaurante mais próximo?-disse Daniel.

-Ah! Tem um lugar aqui perto muito bom que tem uma ótima moqueca capixaba!- informou o senhor.

-Que maravilha! Vamos logo, quero degustar dessa moqueca!-disse Laura com água na boca.

Despediram-se do senhor e agradeceram pela ótima conversa. Saíram da venda e foram rapidamente para o restaurante.

O lugar era rústico e aconchegante. Chegando lá, sentaram-se à mesa e logo sentiram o cheiro maravilhoso da requisitada moqueca capixaba. A garçonete chegou e perguntou:

-O que desejam?

-Tudo do cardápio!-brincou Carlos.

-Menos, Carlos.-disse Laura rindo.

-Nós queremos a famosa moqueca capixaba, por favor!-disse Daniel.

-Ótima escolha, esse prato é o melhor. Vão querer beber algo?

-Por enquanto não, obrigada!-disse Laura.

Quando a comida chegou, um turista da mesa ao lado viu e indagou em tom sarcástico:

-Essa é a famosa moqueca baiana?

-Não, essa é a moqueca capixaba.- disse Carlos.

-Garçonete, por favor! -chamou o turista da mesa ao lado.

A garçonete aproximou-se da mesa. E perguntou:

-Sim, em que posso ajudar?

-Eu quero uma “moqueca capixaba”!-pediu debochando o turista.

-Já vou trazer. -disse a garçonete.

Depois de alguns minutos, a garçonete chegou com a moqueca e colocou sobre a mesa.



O turista começou a provar o prato e fez uma expressão de admiração, pois adorou a comida. Depois de terminar a refeição disse:

-Estava realmente maravilhoso!

Levantou-se da mesa e saiu. Os três amigos, que já estavam comendo pela segunda vez, terminaram, agradeceram, pagaram e foram embora do restaurante para continuar em busca de mais informações. Enquanto caminhavam, avistaram Francisco sentado na areia apreciando a praia. Resolveram, então, ir falar com ele. Chegando lá, sentaram-se ao seu lado, Laura logo disse:

-Oi! Como vai o senhor?

-Bem! Gostaram da moqueca?-perguntou Francisco.

-Estava ótima!-Carlos afirmou.

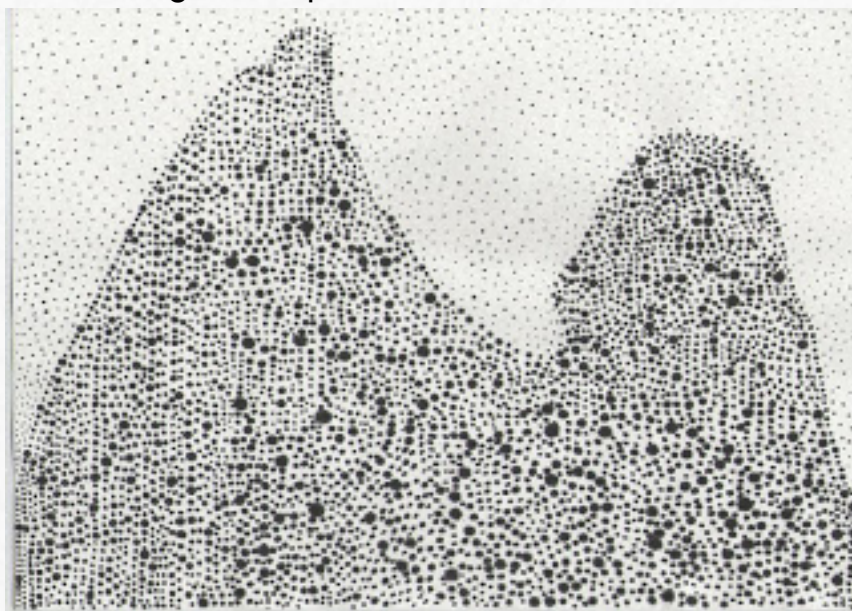
-Realmente estava muito gostosa!-concordou Daniel.

-Que tal darmos uma volta?-perguntou Laura.

-Sinto muito, mas tenho que voltar para a mercearia. Meu horário de almoço já está no fim. Passem lá mais tarde!-disse Francisco se levantando da areia.

-Claro!-disse Daniel.

Depois de alguns minutos, foram dar uma volta como a Laura tinha sugerido. Carlos e Daniel andavam pela areia olhando para todos os lados daquela belíssima praia, enquanto Laura estava atrás deles não contendo sua curiosidade e pegando todas as conchinhas que avistava. Sr. Ronaldo havia ficado no ônibus descansando. Laura observou as conchinhas e viu algo diferente em uma delas. Havia um papel com uma imagem impressa.



-É uma foto da Pedra Frade e a Freira!-Carlos afirmou olhando o papel que já estava na mão de Daniel

-Que bonito! Talvez lá encontremos mais informações sobre novos lugares para visitarmos e assim voltamos para a nossa casa!-disse Laura animada.

-Vamos partir amanhã de madrugada!-disse Daniel.

Laura e Daniel se adiantaram e começaram a pegar lenha para fazerem uma fogueira. Foi quando Laura percebeu que havia esquecido o isqueiro. Avisou Daniel que logo se prontificou a acender a fogueira com a arte de escoteiro.

-Você ficava tão bonitinho naquela roupinha de escoteiro!- ironizou Laura.

Os dois se lembraram de quando eram crianças, riam e recordavam. Depois de alguns minutos, com a fogueira acesa e Sr. Ronaldo sonambulando por ali, lembraram do dia que foram ao Pico da Bandeira e comeram salgadinhos, (ops, chips). Então, os três amigos curtiram a noite e depois foram ver algum lugar para dormir.

Passado algum tempo acharam um hotel para se hospedarem. A recepcionista logo os cumprimentou:

-Olá! Sejam bem-vindos!

-Obrigado! Nós gostaríamos de passar uma noite neste hotel.-disse Daniel.

-Claro! Vou pegar as chaves, vão ser os quatro juntos ou separados?-perguntou a recepcionista.

-Separados, por favor!-disse Carlos.

-Então, essas são as chaves dos quartos.

Pegaram-nas e subiram. O quarto número 122 era do Daniel, 128 do Carlos, 121 da Laura e 130 do Sr. Ronaldo. Entraram nos quartos, e logo se acomodaram. Logo de manhã, os quatro se organizaram para partir. Era outono, não havia condições de adentrarem nas águas do mar. Contentaram-se em avistar a beleza literal daquele paraíso chamado litoral.

CAPÍTULO

7

**A pedra que tem
coração**

Visitando o amor impossível: Pedra Frade e Freira

Após saírem das praias, os excursionistas foram a caminho da imagem encontrada na concha: Pedra Frade e a Freira. Local este dono de um mistério até hoje não desvendado de um amor proibido transformado em rochas.

A viagem de ônibus foi um tanto cansativa, mas não deixaram de contemplar as belezas do sul. O dia foi passando e suas atividades se resumiam em escalar. O sol estava muito quente, mas aquele sentimento exprimido pelo rochedos sustentava o penhasco de cansaço que os garotos sentiam. Era hora de continuar!

-Ânimo - motivou Daniel!

-A viagem foi longa, amigo. -reprimiu Laura.

-Isso mesmo, não conseguimos apressar mais, completou Carlos.

Daniel viu que era o momento de descansar. Sentados nos troncos de Ipês que haviam sido desmatados, um dos principais problemas da região, avistaram um singelo beija-flor.

Mal sabiam que aquela ave simboliza todo o estado. Detiveram-se às suas penas azuladas. Aquela coloração era semelhante às águas do mar e à Pedra Azul, onde foram felizes nas últimas visitas. Decidiram prosseguir. Subiram pelas trilhas fechadas, viram animais diversos e se alegraram pelas belezas da região Caparaó.

Contemplaram a maravilha do frade que olha para a freira. Sentiram a emoção que emanava das rochas. Aquelas pedras pareciam ter corações. Prosseguiram a viagem indo para a cidade de Cachoeiro de Itapemirim a fim de viver novas aventuras.

Capítulo

8

Um Cachoeiro de emoções

Cachoeiro de Itapemirim/ES: "...São muitas emoções"

Chegando em Cachoeiro de Itapemirim, Daniel, Carlos, Laura e Sr. Ronaldo ficaram empolgados com os costumes, manias e modo de viver. Famintos, foram ao restaurante Comidas Caseiras da Ana Paula. Em seguida, começaram a explorar a cidade até descobrirem dois pontos turísticos: Casa de Rubem Braga e Casa do cantor Roberto Carlos.

Curiosos, reviraram os livros, discos e móveis na tentativa de descobrir segredos desses importantes ícones para o Brasil.

Na casa de Braga, os quatro buscam mais informações do mais famoso escritor do Espírito Santo. Encontraram vários livros antigos, mas não havia uma obra diferente e chamativa. A casa era extremamente misteriosa e eles ficaram ansiosos em descobrir o segredo que estava por trás das letras usadas pelo autor.

Embora estivessem curiosos, foram em busca de um hotel. Não havia muitos disponíveis na cidade. Logo avistaram um de cores vermelho, preto e branco. Rapidamente Laura perguntou ao porteiro:

- Há algum quarto para quatro pessoas?

- Sim, há um quarto - porteiro respondeu.

Já deitados, os meninos continuaram pensando no mistério das letras usadas pelo escritor.

Realizando pesquisas, chegaram a conclusão de que haviam avistado aqueles traços no Restaurante da Ana Paula que foram logo que chegaram na cidade.

No dia seguinte, partiram para o local. Em uma parede com azulejos azuis encontraram os traços que havia despertado a curiosidade na noite anterior. Eram as crônicas do escritor reescritas pela dono do estabelecimento, uma das maiores leitoras de Braga.

Seguiram passeando pela cidade até o momento em que avistaram uma multidão. Novamente curiosos, foram até o local. Havia chegado próximo da Prefeitura Municipal que fica bem no centro da cidade.

A população reivindicava melhorias no tratamento de água do Rio Itapemirim. Resultado da fusão de dois braços, o Direito, que nasce em Muniz Freire e o Esquerdo, que nasce em Ibitirama, o Rio Itapemirim é hoje importante para toda a Região Caparaó.

Pernoitando em um hotel da cidade, os quatro amigos se alegraram pela visita cultural que haviam feito. No dia seguinte, foram em direção à cidade de Muniz Freire, pois o nome chamava atenção. A busca pela felicidade continuava.

CAPÍTULO

9

E por fim, a CIDADE AMIZADE!

Destino Final: Muniz Freire

Seguindo o percurso do rio, os quatro partiram para Muniz Freire. A região rodeada por montanhas apresenta um aspecto natural exuberante aos olhos dos turistas. Logo que chegaram à cidade, avistaram as construções com sinais de tradição. A primeira visita foi na Casa da Cultura.



A casa histórica da cidade guarda as riquezas culturais de toda a cidade. O acervo de imigrantes europeus e de ex-combatentes chamaram a atenção dos pequenos aventureiros.

Continuaram o passeio pela cidade apelidada de amizade. Chegando ao distrito de Piaçu, sentiram que era hora de parar. Olhando ao redor, observaram a luta dos trabalhadores, a colheita na lavoura de café, o espírito de solidariedade e a fé de um povo que persiste em lutar.

Concluíram que o rolê pelo Espírito Santo já poderia chegar ao fim, pois a verdadeira felicidade está nos olhos de quem vê. Não era preciso viajar tantas léguas para descobrir esse preceito. É a regra básica da vida. E depois de todas as aventuras pelas terras capixabas tiraram a seguinte conclusão: Todo lugar e todo momento é uma nova oportunidade de ser feliz. Basta estar próximo de pessoas certas!

E seguiram felizes de volta para a casa!

FIM

AUTORIA

Capítulo 1: Heitor, Daniela e Kailane G.

Capítulo 2: Dhosef, Ivis e Wellington P.

Capítulo 3: Ana Paula, Tailana e Adriana

Capítulo 4: Bianca e Lorraine

Capítulo 5: Wemerson e Juliana

Capítulo 6: Júlia, Rafael, Duda e Sara

Capítulo 7: Iam, Eliel e Jéssica

Capítulo 8: Wesley, Matheus e Wellington S.

Capítulo 9: J. Vitor, Fernando, Fernão e Yuri

ILUSTRAÇÃO

Duda Dellarmelina

Júlia Bergamini Fraga

CAPA

João Vitor Machado

Matheus Bastos

MENSAGEM FINAL

Ter a missão de concluir este livro é uma das maiores alegrias da minha profissão. Foram dias de luta, aprendizado e parceria com os alunos para chegar ao final desta proposta. Certamente cada estudante foi fundamental, assim como toda a equipe escolar que colaborou para realização do projeto. Essa obra passa agora a compor o acervo da EEEFM "Arquimimo Mattos" e é prova concreta de que podemos ser os autores da nossa própria história. Agradeço primeiramente ao Nosso Deus que nos honra com o dom da vida, aos estudantes pela disposição em escrever as narrativas e elaborar os capítulos, à escola por colaborar com cada projeto e aos colaboradores que cederam as experiências de vida aos alunos. Que essa obra suscite em cada leitor o anseio de produzir novas narrativas.

Grata pela sua leitura!

Professora Jéssica